

Sertãozinho: bóias-frias preparam greve.

Eles reclamam que os usineiros não estão cumprindo alguns itens do acordo de Guariba

Os bóias-frias da região de Sertãozinho entram hoje em estado de pré-greve, que continuará até quarta-feira, quando será feita nova reunião para avaliar o cumprimento do acordo de Guariba. A decisão foi tomada ontem de manhã durante uma assembléia com a presença de 300 pessoas no ginásio de esportes Pedro Ferreira dos Reis, o Docão, em Sertãozinho.

Além da ratificação do acordo de Guariba, a comissão de greve reivindica a eliminação do "gato", o intermediário da mão-de-obra, e a unificação do preço da cana cortada por metro e não mais por tonelada. Os trabalhadores querem ganhar Cr\$ 200,00 pelo metro da cana de 18 meses e Cr\$ 150,00 pela cana de um ano. Eles reclamam que os usineiros não estão cumprindo todos os itens que foram prometidos, mas a principal queixa é com relação ao preço da cana.

"Na hora de fazer a conversão da tonelada para o metro linear, que é uma conta muito difícil, eles diminuem o preço às vezes para menos da metade", explicou Benedito José Ferreira, membro da comissão. Ele responsabilizou os usineiros para o caso de ser deflagrada uma greve geral dos cortadores de cana de Sertãozinho, Pontal, Pitangueiras e Barrinha na sexta-feira, último dia do prazo dado por eles.

Até agora, nenhuma usina forneceu a roupa aos funcionários e os que entregaram podões e limas, instrumentos de trabalho, deram os de pior qualidade, o que cansa mais o trabalhador e reduz o rendimento, disse Ferreira. "Ainda por cima, em Pontal, onde eu trabalho, os gatos recebem o dinheiro, assinam os cheques que vêm em nosso nome e depositam no banco por vários dias para ganhar dinheiro em cima", denunciou. Os bóias-frias querem eleger um fiscal por turma para fiscalizar a pesagem da cana na usina, pois desconfiam que o preço por metro diminui por causa de "erros propositais" quando os caminhões param na balança. Os trabalhadores de Pontal, que chegaram num ônibus cedido pela prefeitura, protestaram contra a participação do presidente do Sindicato Rural de Sertãozinho, Antonio Eduardo Toniolo, nas negociações. "Ele disse que se a gente não entrar em acordo e que se os fornecedores não puderem pagar, o caso vai para a Justiça do Trabalho e demorará uns cinco anos para ser resolvido. Falou que eles teriam dinheiro suficiente para agüentar esse tempo todo, mas nós não. Agora, eu pergunto: se tem dinheiro para isso, porque não têm para pagar o que a gente merece?", indagou um funcionário da Usina Nossa Senhora Aparecida, de Pontal.

Já o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquela cidade, Jairo Antonio da Costa, vai exigir na reunião de quarta-feira à noite, entre empresários e sindicalistas na prefeitura de Sertãozinho, que não sejam mais utilizados defensivos agrícolas para o extermínio do mato nem máquinas para o corte da cana. "O primeiro, assinalou, é tóxico e provoca o desemprego. Já a mecanização da lavoura vai colocar de vez todo mundo na rua e poderá acontecer na região uma revolta pior que a de Guariba", alertou.

A prefeitura de Sertãozinho tinha-se comprometido a colocar ônibus na periferia para transportar os bóias-frias, mas isso acabou não acontecendo e a assembléia foi esvaziada. Ainda assim, o diretor das regionais da Secretariada Trabalho no Interior, Plínio Sarti, classificou como "muito produtivas" as decisões tomadas. Um dos oradores, muito emocionado, disse que depois de cortar cana 25 anos e ficar inválido depois de cair de um caminhão quando ia trabalhar, recebe 27 mil cruzeiros mensais do Funrural. "Minha filha é doméstica e ganha menos que isso e se estou chorando é porque tenho fome", lamentou.

O deputado estadual Valdir Trigo, vice-líder do PMDB, disse que se os usineiros não cumprirem já os termos do acordo de Guariba e as reivindicações feitas durante a semana na greve de Pontal — registro em carteira, fim do “gato”, pagamento por metro e adiantamentos salariais — “será praticamente impossível evitar uma greve com consequências terríveis”. Foi muito aplaudido ao afirmar que se algum membro da comissão de greve for demitido, os bóias-frias vão paralisar a safra de cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto, responsável por um terço da produção de álcool e um quarto da produção de açúcar do País.

Na véspera, durante um debate entre usineiros e bóias-frias em uma emissora de rádio de Sertãozinho, o usineiro Maurílio Biagi Filho sugeriu a formação de comissão de empresários para “patrulhar” os que não estão cumprindo o que fora combinado. “Se for constatado que determinado empresário não está cumprindo, vamos até lá para parar tudo e eu estarei junto”, afirmou.

(Página 12)